

A Exma Sociedade de Geografia

ff.

ANTONIO JOSÉ DOS MARTYRES E SOUSA

VIVA O TIO REGEDOR!

— — — — —

COMEDIA ORIGINAL EM 1 ACTO



NOVA GOA

TYPOGRAPHIA DA «CASA LUSO-FRANCEZA»

1902

Personagens

Arthur de Noronha, estudante	20 annos
Jorge de Menezes	" "
Raul	" "
Antonio	" "
Alfredo	18 "
João	" "
Pedro, criado, preto	" "
Thimoteo, tio de Arthur	30 "
Maximo, filho de Thimoteo	60 "
Um carteiro	12 "
Um criado de Thimoteo, e mais 2 estudantes.	

A scena passa-se em Pangim

ACTO UNICO

O theatro representa uma casa de estudantes, com portas ao fundo e lateraes, algumas cadeiras, uma meza e um candieiro, calças, camizas e piugas nas cadeiras; tudo em desordem.

SCENA 1.^a

Arthur (só, vestido de calças, camisa e collete, entra em scena a bocejar, esfregando os olhos, com modos de quem procura por alguém.) — Jorge, ó Jorge, Pedro? (Pausa; meditando) Provavelmente sahiram. (Ouve-se bater 10 horas, contando) Uma, duas etc.... Dez horas! oh! não tenho tempo a perder. Dormi muito. Aquella borracheira da noite pregou-me á cama com o sonno d'um justo! E só ao acordar, é que percebi que tinha feito muita tolice! (Encolhendo os hombros) É verdade! após uma entusiastica expansão, participei a todos os meus condiscípulos, que passava hoje o meu natalicio, convidando-os para um bródio! E não tarda aquella *malta* toda a cahir-me pela porta dentro, como um raio, e eu sem um centavo! Ao menos se chegasse a resposta do tio com dinheiro, estava salvo d'esta entalação. E' certo que aquelle meu bello amigo e commensal do Jorge me prometteu o seu apoio; mas tambem elle, coitado, anda mais chato que eu! Que fazer, pois, n'esta critica situação, meu Deus?! (Pen-

sátrio) Recorrer ao empréstimo? (*fazendo carêta*) Nem pensar n'isto me atrevo! Porque, por minhas loucuras, sou devedor de tantos credores, como os cabellos d'esta minha maldita cabeça! (*Pausa*) Mas não ter com que obsequiar pelo menos com um copo de vinho os meus convidados, a quem espontaneamente ofereci a minha casa, é vergonhoso, é horripilante! (*Cade n'uma cadeira*) Áh não posso, não posso com esta vida que me pesa como um fardo! (*Lerantando-se*) Mato-me antes que a vergonha me mate em presença dos meus amigos que não tardam. (*Vae sahir, chega á porta e volta, batendo na testa*) Eureka! Bôa lembrança! (*Jovial*) Talvez só esta me salve da eminentemente catastrophe! Fingo-me doente, gravemente doente, com umas *atrozes cólicas*! E preparam assim uma *áirosa saída* diante dos que *appareçam* a felicitar-me, a mim ou ao meu vinho! (*Fecha a porta e deita-se n'umas cadeiras reunidas, embrulhado n'un cobertor*) Agora, por cada pancada na porta, é responder-lhes com uns ais tão estrondosos e dilacerantes, que nem sombra de dúvida passe pela mente dos meus camaradas que, por tôla lembrança, convidei a virem festejar-me o natalicio! (*Fica em attitude de adormecido*).

SCENA 2.^a

Arthur e Jorge

Jorge—(*Fóra, batendo á porta*). Abra a porta, Arthur!

Arthur—(*Comicamente e meio erguido*). Ali estão elas... (levando as mãos ao ventre e contorcendo-se) Ai... ai... ai... ai...!

Jorge—(*Butendo com força*) Arthur, ó Arthur, abra, homem!

Arthur—(*A' parte*) E estão sôffregos! (*com força também*) Ai... ai... ai...!

Jorge—(*Continuando a bater com força*) Arthur, ó Arthur, abra a porta, se não escangalho...

Arthur—(*A' parte*) E esta!... tal é a sede de beber, que até ameaçam arrombar-me a porta! Safa! Não

ha remedio senão recebê-los. (*Com voz plangente e arrastada*) Quem está ahi?!

Jorge—E' o teu amigo Jorge de Menezes, portador de boas novas.

Arthur—(*Alegremente*) Ah! ah! ah! é o Jorge! E eu que me não lembrava d'elle! (*Correndo, vai abrir a porta*) Vem cá, meu bom amigo, meu companheiro da infancia e hoje da desgraça!

Jorge—(*Entrando, fica extatico, ao ver Arthur embrulhado n'un cobertor*) Que é isto, estás doente?

Arthur—Nada, meu amigo, nunca estive tão sôlo como hoje.

Jorge—(*Apontando para o cobertor*) Mas isso... que comedia é esta?

Arthur—É o desfêcho da tragedia que a ausencia da carta de meu tio me ia proporcionando!

Jorge—Não comprehendo!

Arthur—Pois ainda não percebeste/meu pateta! Então não sabes que estamos sem um misero *poçá* com que a gente possa custear as despezas do peixe salgado á ceia?! Não te lembras que, de ha 8 dias para cá, a nossa vida tem sido um continuo *fio de fiados*: almoços a fiado, jantares e ceias a fiado, que sei eu?... até camas a fiado! E não esperas que, por tantos fiados, os nossos amigos hoteleiros, lojistas e mercieiros nos deixem, na esquadra, confiados a dous policias?! Olha, se ainda hoje não recebo a carta de meu tio com dinheiro, estamos perdidos! Como sabes, requisitei-lhe apenas a réles quantia de uma meia centena de *rúbias*, engrôlando-o com a burla de que havia necessidade d'aquelle importancia para eu lhe poder arranjar o logar de regedor da parochia que elle tanto ambiciona! Passam já mais de 8 dias que lhe escrevi e ainda nem pio.

Jorge—E' que está já velho para se decidir a desapertar os cordões á bolsa.

Arthur—Pois será, mas tive hontem outra idéa. Dirigir-lhe este telegramma (*tira da algibeira um papel e lê*;) « De Arthur de Noronha—Nova Gôa.

a Thimoteo Jacob de Noronha. Pirna—Bardez.

Arthur gravemente doente. Mande trinta rupias sem perda tempo tratamento medicos. »

Vamos a ver o que sahe d'aqui. E o peor é que estamos n'um pessimo dia, dia em que faço annos, para que estupidamente convidei os nossos amigos, promettendos-lhes um bródio!

Jorge — Não te dê isso cuidado; corre por minha conta.
Arthur — Por tua conta, como?

SCENA 3.^a

Os mesmos e Pedro (que entra n'esse momento)

Jorge — (Apontando para a canasta que Pedro traz repleta de garrafas e d'outros artigos). O como, dil-o escomudo para nos entreter, pelo menos por algumas horas.

Arthur — (Enthusiasmado) O meu Jorge, venha de lá um abraço. (abraçando-o). Olha, salvaste o teu amigo da vergonhosa derrota perante os nossos companheiros. Mas como arranjaste tudo isto, tu que não tinhas uma roda na mão?

Jorge — Fu-te explicar. Como sabes, levei o Pedro comigo com aquella artillaria de vasilhame, ou de polvo, onde eu e elle costumas chamar, á casa de um amigo, depois de os termos enchedo da crystallina agua da fonte Phoenix, e as garrafas tambem do mesmo liquido, com a variante de lhe termos dado, servindo da casca de brindão, uma cõr tirante á do melhor vinho branco. Concluida a operação, encheu-se o cêsto, que carreguei na cabeçorra do Pedro e dirigi-me ao Antonio Caetano. Quando cheguei á janella da sua loja, pedi-lhe dous frascos de genebra, que elle me forneceu immediatamente. N'este comenos o Pedro approximou-se de mim, como estava combinado; e, eu pedi ao logista um queijo. O homem foi lá dentro buscar-o ao armazém, e eu, aproveitando da sua ausencia, substitui os frascos de genebra pelos de agua e mandei seguir a Pedro o seu rumo. Trazido o queijo, levantou-se a questão do preço. Elle queria pelo flamengo 3 rupias e eu offereci-lhe 1 $\frac{1}{2}$ a final de contas,

como era natural, não chegamos a accordo, e eu, com o queijo, restitui tambem a genebra, mas a tal da minha invención (*piscando o olho*). Com relação ao vinho procedi com igual gentiléza, mas com outro negociante e com outros pormenores parecidos. Agora, quanto ás latas, não tinha outra para a maniversia, e por isso mandei ao Pedro deixar o cêsto no barracão da alfandega e trocar um frasco de genebra por duas latas de bolacha do que o catita se desempenhou com maior acerto. E ahí tens a explicação e a procedencia do nosso *farral*.

Arthur — Ah! meu Jorge, tu és o demônio em pessoa. Agradeco-te muito e muito pelo que fizeste para me tirar da entalação.

Jorge — (Rindo) Bem, bem, deixemos as cantigas para outro dia e tratemos de arrumar isto no logar competente (*Sahem*). SCENA 4.^a

Raul, Antonio, Alfredo e mais dois estudantes, e depois Arthur, Jorge e Pedro.

(A cena fica um momento deserta, e n'este comenos ouve-se fôrta o trancar do hymno da Carta e estalos de panchões. Entram os estudantes cantarolando, e em trapel).

Parabens, amigo Arthur, muitos parabens! (Pedro, Jorge e Arthur entram apressados).

Raúl — (Abraçando Pedro que entra, antes dos outros, e levando o ao meio da cena) Permitte, meu caro amigo, que te estreite n'este amplexo fraternal, pois a satisfação que experimento...

Antonio — (Interrompendo Raúl) Que fazes, Raúl? abraças Pedro, o criado do Arthur? (Todos cumprimentam Arthur que, ao tempo, tem chegado ao meio da cena).

Raúl — (soltando-se dos braços de Pedro comicamente e fitando Arthur) Amigo Arthur, desculpa-me esta distração, filha legitima dos arroubos da minha alma, que, extasiando-se jubilosa n'este fausto dia do teu nascimento, se alou, na sua expansão, ao ponto de confundir-te com o teu fiel Pedro. E, pego-te, vem a estes braços que, anteciosos, aguardam estreitar-te contra o meu peito em testimunho de nossa velha amisade, vem (*Abraça*).

Arthur — Muito obrigado, meu Raúl.

Jorge — Meus senhores, o nosso amigo e meu estimado

vel commensal Arthur, o rocambolesco de hoje, commeteu-me o alto encargo de mestre de ceremonias da festa, e, portanto, no cumprimento d'essa honrosa missão, peço a V.Ex.^{ra} que se sirvam molhar a lingua, se é que não desejam morrer de sede diante da calorica verborrea cá do nosso amigo Raúl que, em campanudas phrases, não cede a palma nem ao sino do campanario da nossa Sé.

Todos — Vâmos, vamos.

Arthur — O Jorge, parece-me que isto podia fazer-se aqui. Para que incomodar estes senhores por tão pouco?

Jorge — Como quizerem. O Pedro, traze d'ahi aquella adega toda.

Pedro — (com espanto) Adega, senhor?!

Jorge — Sim, homem, traze a adega em uma bandeja, isto é, de tudo que ahi houver (*Pedro sahe*).

SCENA 5.^a

(*Os mesmos menos Pedro*)

Antonio — (Voltando-se para *Arthur*) Que é do João, do nosso amigo João, que ainda não appareceu?

Arthur — É verdade, não sei que dizer, quando me prometeu não faltar!

Antonio — Talvez o negocio do tiosinho o tenha demorado.

Arthur — Queira Deus que assim seja.

SCENA 6.^a

(*Os mesmos e Pedro*)

Pedro — (Entra com a bandeja e diz a *Jorge*) Prompto, senhor.

Jorge — (Arançando, apresenta a bandeja) Meus senhores, cada um no seu posto e com armas na mão. Um, dois, tres. Carregar. (pegando no copo) Apontar. Fogo... (*Acerca-se todos da bandeja, empunhando cada um o seu copo*).

Raul — (adiantando-se) Alto lá! O homens de tac-

nhos sentimentos e mesquinhos idéas, a quem na veneração de deus Bacho se resume todo o dourado ideal, transformando-lhes até a moleira! Suspendei e attendei... *Attentate et bibite*; mas não se bebe assim, sem que se digam duas palavras para brindar um homem, que, por magico condão das fadas, se transformou hoje em um menino! Eu brindo esse homem-criança, que, alliando á herculea força uma vigorosa mentalidade, possue ainda uma joia de inestimável valór, um raro brilhante que elle cuidadosamente guarda n'essa ganga do seu peito (*apontando para o peito de Arthur*) e que pelo seu fulgurante resplendor, se torna de tão avultado preço que os ambiciosos ingleses algo soubessem da sua existencia, á uma, abandonariam os pobres boers nos seus sertanejos eirados movendo-nos uma guerra crúa, sanguinaria e qual mais injusta, para a aquisição da sua posse! Fallo, como já tereis comprehendido, do generoso coração do nosso camarada, (*bravos dos assistentes*) lamentando que não possua a eloquencia de Cicerio, nem a erudição de Bossuet, para fazer, como diria um medico, a sua verdadeira autopsia! Sim senhores, para devidamente apreciar as inumeras qualidades que exornam o nosso presado amigo, não bastariam nem os bem providos celleiros de Camillo Castello Branco, nem a abastança litteraria de Herculano, Castilho e Mendes Leal, na phrase do nosso eruditissimo escriptor indio, de saudosa memoria, Francisco Luiz Gomes. (*enthusiasmo nos assistentes*) E nós, na falta d'estas munições da litteratura, substituimos a expansão da nossa alma, na ampla manifestação do nosso coração, dizendo: Viva o nosso amigo por muitos e dilatados annos, cheio de saude e *mansas*, viva!

Todos — Viva!

Arthur — (Com comicá gravidade) Muito obrigado, meus senhores. (*Bebem todos*)

Antonio — Então que é isto, amigo Arthur, estás hoje todo triste, melancólico, parece que não tens alma para sentir os rígosijos d'este dia.

Arthur — É verdade, meu amigo, falta-me a alma, essa alma que era toda enthusiasmos vêou-me aos páramos do infinito e não sei quando voltará.

SCENA 7.^a

Os mesmos e um carteiro

Carteiro — (Batendo à porta) Ó da casa, ó da casa!

Jorge — Entre, quem é.

Carteiro — (Com uma carta registada) O sr. Arthur de Noronha mora aqui?

Todos — Sim sr., mora aqui.

Carteiro — Ia para elle uma carta registada.

Arthur — (Dando um pulo) Dá cá, meu amigo.

Carteiro — (Entregando-lh-a) Queira assignar este recibo.

Arthur — (Assignando) Prompto. (Roupe o envelope e tira umas notas, rindo) Ah, ah, ah! Ei-la aqui ei-la aqui!

Antonio, Jorge e outros — Que é isto?

Arthur — (Dirigindo-se a Antonio) É a alma que me tinha fugido! Ei-la mais bella e novinha que nunca, n'estas bonitas notas que o tio me manda para lhe eu arranjar o lugar de regedor!

Todos — Viva o tio regedor!

Arthur — Viva a rapaziada!

Todos — Viva.

Arthur — (A Jorge) Amigo Jorge, já que a fortuna nos sorriu tão propícia, é de boa tactica não largarmos logo as armas, sobretudo quem, como nós, anda no encalço da victoria! Peço-te pois, que baixes ordens á força armada para provisão de metralha.

Jorge — (Recebendo o dinheiro) Prompto, meu general.

Arthur — (Conversando baixo e depois alto) Como entenderes, mas tudo com a velocidade do raio. (*Jorge e Pedro sahem*).

SCENA 8.^a

Os mesmos menos Jorge e Pedro

Arthur — Agora, amigos e companheiros, para que a felicidade seja completa, falta-nos um ponto nos ii; não sei se me comprehendem. É a nomeação de meu tio para regedor de parochia.

Antonia — Mas que forte birra do velho!

Arthur — Fortíssima! Imaginem que se elle, para ser regedor, tivesse de empenhar até a ultima camisa, despi-a e punha-a no prêgo com certeza, contanto que o fizessem regedor!

Alfredo — O João, que é amigo do Serapião, compadre do administrador do concelho, é que pôde favorecer-te n'esta pretenção.

Arthur — Foi exactamente a porta a que batí; mas diz o João que o negocio oferece bastantes bicos. No entanto já se procurou abrir brecha no forte com bombardas de bananas de Moirá, para os filhos do compadre.

Alfredo — Ai que velhacos! (*Arthur*) Praza a Deus que com os teus figos não te façam figas.

Arthur — Oh! isso não! O João quasi me deu a certeza da nomeação de meu tio por estes dias.

Antonio — Deus o ajude na realização do bom desejo.

SCENA 9.^a

Os mesmos, Jorge e Pedro

Jorge — (Entrando) E hâde ajudar, porque Deus é bom e o desejo tambem.

Todos — Viva o amigo Jorge!

Jorge — Viva eu e mais a companhia (*apresentando o cesto que Pedro traz*).

Arthur — Amigos, o nosso posto de honra já não é aqui, vamos para o triclinio, segundo a letra dos patrios romanos, e ali entoaremos o hymno a Baccho, que é o deus da nossa senha!

Jorge — E ahí o nosso amigo Raul fará morder de inveja os manes de todos os sete sabios da Grecia, e de outros tantos da antiga Asia, fazendo-os gemer de raiva sob as suas frias lousas. (*Sahem*)

SCENA 10.^a

Pedro (só)

(Passados poucos momentos, entra em scena com uma

garrafa de vinho, aberta, ao sovaco.) Eh, eh, eh, (rindo, apresenta a garrafa.) Agora somos nós, eu Vós Senhoris e minha gente Pedro. (Piscando os olhos) Furtê este garrafa patrão e bamos beberi sunde de vós senhoris (Bebe). E' bonit, gessito, e se não fore isto o filho da minha mãe Ritta, ou a Ritta minha mãe de seu filhe (com entonação) chiga! com certeza, aquí não parari. Veridade meu senhoris patrões, cá n'essa case, chiga! é beberi, comere e tufare (apresentando com gestos). Quant a mais (batendo na testa) que contari meu senhores patrões?... (fazendo como quem conta dinheiro) Batatas de Surrate e feijão de Moçambique. Que contari, senhores, a minha vergonha? Faz (contando) um, dous,... sete mezes Pedro servire senhores istudantes sem nada receber; todo dia cantare, beberi, tufari e filhe de Ritta não pagare! Se falle d'isto, senhores, patrão Jorge faz uma torta (imitando carata) e dizere senhorí patrão Arthur istá encarregad di ajustare minhas contas. Veu senhorí patrão Arthur, que quando não me volte sr. patrão Jorge, ameaça-me com um cavallo-marinho, ou dá-me de beberi uns copitos de cajú (apresentando o tamanho) que mais melhoris só elle sabe escolheres! E o meu Pedro, como sabe vós senhoris gostar de pinguita e ter medo a cavallo-marinho, diser a senhorí patrão Arthur, que promette pagare com 8 dias, depois de receberem mezada d'um seu tio, um velhe sujeite, que tem muito dinheiro, branco, preto e amarel, mas nunca a ninguem dari um poicá! Oito dias!! Chiga! depois de eu morrer! Ha tantos 8 dias n'esse mundo que gira, gira, gira e nunca pára (outrem-se passos; Pedro, que os sente, corre para um canto e de costas ao fundo põe-se a beber).

SCENA 11.^a

Pedro, Thimoteo, Maximo e um criado com trouxa

Thimoteo — (Entra tossindo, apoiado n'uma bengala, guarda-chuva ao sovaco, de chapéu castor e sobrecasaca de cor duvidosa) Leve o diabo este Pangim e com elle toda a gente que aqui mora. Puff! Estava quasi para tomar um

banho ao atravessar aquella maldita passagem! Oh! se não fôra a grave doença do meu sobrinho Arthur, que me participou por um telegramma, com certeza que não sahia da minha vetusta e socegada Pirna! Ahi é que a gente, quando faz este calor de rachar, pôde ao menos enfiar o seu classico langotim sem nenhuma ceremonia. Quem nos diz que estas botas (apresentando), mais os collarinhos e gravatas são para nós! Isto é bom para os dandys da moda, para os figurinos que afogam o seu trapeço n'um collarinho de palmo e meio de altura, traçam gravatas plastron, que pelo nome não percam, e param umas verdadeiras couracas dos mythologicos troianos! O' que pandegos! E a dobrarem calças por cima do calçado, que é uma verdadeira indecencia! (Examinando) Mas esta casa não será habitada?

Maximo — E' habitada, papá. Està ahi um homem muito preto.

Thimoteo — Ah, é habitada. (Fazendo pala por cima dos olhos, dirige-se a Pedro) Pôdes dizer-me, ó rapaz, onde mora Arthur de Noronha, estudante de pharmacia?

Pedro — (Que não ouviu bem a pergunta, voltando-se) Am?.. ih, ih, ih! (rindo) Oh que velhe sujeite. Viva só Velhaco (Bebe).

Thimoteo — Velhaco! Velhaco será elle, só insolente. Olha, não se brinca com um individuo da minha idade. (A parte) Maleriado! Esta gente de Pangim é toda assim. Apesar de serem uns farroupilhas, pensam talvez que sim. Trazem governadores na barriga; mas a este e a outros, que lhes vale é não toparem com individuos da minha tempera, que, ao primeiro impeto, são capazes de lhes quebrar a lata.

Pedro — (A parte) A mim parecia o gajo revoltari comigo. Eu zangari não fazer. (A Thimoteo) Então que deseja vós senhorí?

Thimoteo — (A parte) Este agora é outro cantar. (A Pedro) Desejava saber se conheece o sr. Arthur de Noronha, estudante?

Pedro — Oh se conheço, é meu patrão. (Bebe)

Thimoteo — Que diz elle?

Maximo — Diz que é criado do primo Arthur.

Thimoteo — (Imitando corneta acustica) Elle é criado de Arthur? *(Dirigindo-se a Pedro)* Como está elle, tem febre, deitaram-lhe vesicatario, está com sizo?

Pedro — (rindo e retirando a garrafa da boca) Eh! eh! eh! Sizo? Isto perde o patrão Arthur há muito tempo e para provar, apesar de cridado está sempre mettido na borga!

Thimoteo — (Cadeira num a cadeira) Não tem sizo... mettido na borga... não comprehendo, santo nome de Deus! Então perdeu o uso da falla?

Pedro — Isso só com os sujetos a quem deve dinheiro, aliás fallari tanto que faz callari outros.

Thimoteo — (A' parte) E' modorra, a modorra. E aquelle animal chama a isto borga! Ah querido Arthur, meu infeliz Arthur, que te sucedeu? *(A Pedro)* Mas onde está elle? Quero vê-lo já e já, sem perda de tempo. *(Ouvem-se gargalhadas, afflito a Pedro)* Estão a chorar, morreu?

Pedro — Sim senhor! *(rindo)*, estão a chorar com copos na mão! *(As gargalhadas continuam)*

Thimoteo — (Escutando com mais attenção) Estão a cantar, são gargalhadas. *(Espantado, a Pedro)* Que quer dizer isto em casa de um doente? *(Ameaçando a Pedro)* Diga-me já e já o que significa tudo isto?

Pedro — (Rindo) Hoje meu patrão Arthur tem em nosso case um grand festina e chamou muito sujetos, uma dusia de sucios, para dançari, cantari, cuméri e tufari e acabari todo dinheiри que mandari um sujetí, seu tio!

Thimoteo — (A' parte, surprehendido) Meu Deus, o dinheiro mandado por mim! *(A Pedro)* Elle não está doente?

Pedro — Doente?... tendo o dinheiри não faz caso de nenhum sujeté.

Thimoteo — Diz que o meu sobrinho bebe? Santo nome de Deus, que fui ludibriado! *(Furioso)* Ah, maroto, infame velhaco, estás a zombar do teu tio, telegraphando-lhe que estás doente para apanhar dinheiри! *(Cerrando os punhos)* Ai, que eu te mostro, seelerado, que, pelas tuas devassidões, estás a devorar as minhas economias honradamente reunidas!

Pedro — (Espantado e timido) O sr. patrão Arthur é sobrinho de rós insolence?

Thimoteo — Cala-te, negro do inferno! Tal amo, tal criado. Elle e os mais a beberem lá dentro, e o criado a beber cá fóra, brindando provavelmente ás estroinices do patrão! Olhem que sucios, hein? *(A Pedro)* Deixe estar que eu lhes mostro que ainda tenho sangue nas veias para castigar os devassos.

Maximo — Papá, papá não se eneolerise muito que pô-de ficar doente. Vamos sahir d'aqui.

Thimoteo — Tens razão, Maximo, não porque possa adoccer, mas sim, porque elle deve estar bebedo e, vendocer, em virtude do telegramma que d'elle recebeu, participando-lhe estar muito doente, e viu *(sarcastico)* boas coupas, de que muito gostou! Acerescente, que estarei n'estas, de que muito gosto! Acerescente, que estarei n'esta casa d'aqui a meia hora. *(A' parte)* Vamos a vêr com que cara se me apresenta o patife! *(Sahem)*.

Pedro — (Encolhendo os hombros) Muito bruto é você, só Pedro, chiça! Não perceberi que o sujetí que sair, é o patrão Arthur! Pacienza, agora vou dizeri tio do sr. patrão Arthur, que cá virá seu tio! *(Sahem)*.

SCENA 12.^a

Pedro, Arthur e, depois, outros estudantes

Arthur — (A Pedro) Mas era elle, era meu tio? Um homem *(conforme as circumstancias para modificar)* alto, robusto, de barba branca, a tossir, sempre a tossir!

Pedro — Sim meu patrão, era, assim...

Arthur — Então estou perdido! *(A Pedro)* E viu-nos a beber, a cantar e sahiu furioso?

Pedro — Sim, meu patrão, sai zagari.

Arthur — (Cadeira num a cadeira) O' desgraçado que eu sou. N'um momento de loucura, em que entrevia que banhar-me a felicidade com os seus suaves jarros, eis que

entra como raio pela porta dentro, qual açougue de Deus ou do diabo, meu tio que supunha a 20 kilómetros de distância, a vêr-me tal qual sou, em plena libertinagem de rapaz estroïna! Viu-me e não tarda a reprimenda, porque deixou recado que voltaria! Vejo-o já explodir como uma bomba, fulo de raiva, a deitar baba e pedir-me conta de meus desvarios, do seu dinheiro mal gasto... E eu, ai... ai... (chorando) Não posso, não posso com a vida! Que hei de responder ás suas justas recrimigações, como pos-derei desculpar-me?!

Jorge — (Aproximando-se de Arthur) Arthur, não estejas ahi inutilmente a choramingar como uma erêngua; aproveitemos o tempo em vêr se achamos algum subterrâfugio com que possamos desvial-o da suspeita.

Arthur — O' Jorge, tu não conheces o carácter do meu tio, caracter rijo d'antes quebrar que torcer, e verás que nada nos valerá!

SCENA 13.^a

Os mesmos e João.

João — (Entrando) Nem a entrada d'un amigo, leal e franco, que promette divertil-os um bocado?

Arthur — Oh, é o João?!

João — Sim, sou eu em corpo e alma, que, por chegar tarde á festa, peço desculpa ao meu amigo Arthur, em attenção a um poderoso motivo por que me demorei. Mas que é isto? Vejo-vos a todos com umas caras de sexta feira maior! Morreu alguém n'esta casa?! Se é assim que se festeja os natalícios, deveriam os enterros ser temperados com risos e gargalhadas. (Rindo) Ah, ah, ah!

António — Não te rias, amigo, que os ventos são adversos!

João — Oh! quanto a isso, muito propicios, mesmo muito. (Voltando-se para Arthur) A nova que vos trago é de sensação, mas antes de mais, vocês dão-me licença para metter os tampos dentro a este menino (apontando Arthur), enlôvo da minha alma, filho das minhas entranhas (vindo, abraça-o). Amigo Arthur, dou-te duplos

parabens, primo, pelo teu natalicio e, depois, pela nomeação de teu...

Arthur — (Desprendendo-se dos braços de João) Que me dizes? Nomeação? Repete pelo amor de Deus, peço-te...

João — (Com pausa) Sim, homem, pela nomeação de teu tio para regedor.

Arthur — (dando um pulo) Estou salvo! Mas é verdade o que me dizes? Falla com franqueza.

João — Pois que dúvida! Se me demorei tanto, foi para te trazer a prova real (*tirando da algibeira o Boletim Oficial*) Ei-la!

Todos — Viva a folia!

Arthur — (Volta-se para todos, pede silencio e lê.) «Approvando a proposta do administrador do concelho de Bardez, em officio de tantos de tal, hei por conveniente nomear para o cargo de regedor da parochia de Pirna, o cidadão Thimoteo Jacob de Noronha.» Viva a pandega, rapazes! Viva a folia, festejemos o despacho do tio regedor com o maximo esplendor!

Todos — Viva o tio regedor!

Arthur — Agora um momento de attenção. Deixem-me, primeiro que tudo, agradecer, com todas as veras de minha alma ao meu querido João (*abraçando*), meu verdadeiro amigo, portador da paz e da bonança, para esta casa.

Todos — Viva o João!

Arthur — Não tarda agora ahi o meu tio. Peço a todos que não esmoreçam. Continuem a festa com o mesmo regalo; mas nem pio a respeito do meu natalicio. Esqueçam-se de que foi hoje o meu anniversario e deixem o resto por minha conta.

Todos — Bravo, bravo!

Arthur — (Ourindo) Sinto passos, talvez seja meu tio. Estejam todos munidos de seus copos.

SCENA 14.^a

Os mesmos, Thimoteo, Maximo e criado.

Arthur — (Vendo a porta Thimoteo e Maximo, larga o

copo e, de braços abertos, lança-se para o tio. Tio, o meu tio ficou aqui?! Só o céu o podia ter trazido (*abraçando-o com força*).

Thimoteo — (*desprendendo-se e colérico*) Para traz, malreado!

Arthur — (*Larga o tio e abraça Maximo, como quem não tivesse ouvido o tio*) Maximo, meu priminho, tu também! (*Voltando-se para os estudantes*) Meus amigos, tevh o honra e o prazer de lhes apresentar o meu respeitável tio Thimoteo Jacob de Noronha, a quem finalmente os poderes superiores fizeram a merecida justiça, nomeando-o para o elevado cargo de regedor da parochia...

Thimoteo — (*Espantado*) Eu, nomeado regedor?

Arthur — (*Como quem não ouviu*) E' este o tio por cuja causa estão os amigos reunidos para festejar a palpitante nova, nova tão extraordinaria e inesperada, que me deixou quasi bom com a violenta mas salutar commoção de jubilo, que experimentei depois de sua participação como todos os meus amigos devem saber.

Todos — É verdade, é verdade.

Thimoteo — (*Atarrancado etremulo*) Que me diz? Regedor? Eu? Nomeado regedor?! (*Cahe n'uma cadeira*)

Arthur — O' meu tio, duvida então da sinceridade d'este seu sobrinho?... Imagina por ventura que teria o estulto arrojo de brincar com a personalidade de um tio, de mais a mais, de um tio regedor? Ora! Não vê ao menos o estado em que estamos, eu e os meus amigos (*mostrando que estão embriagados*) Isto não podia nunca ser, senão fosse para festejar o natalicio... (*reflectindo*) quero dizer, a nomeação do tio! Olhe meu tio, estive doente, muito doente, com umas colicas atrozes (*levando as mãos ao ventre*) Não sei se o tio me comprehende. Mas logo que recebi a nova, puz-me de pé como por encanto; e sabe qual o talisman que operou esse milagre? Ei-lo... (*apresenta o Boletim*)

Thimoteo — (*Arranca nervosamente o Boletim e lê, e depois, commovido*) O' meu Arthur, fiz muito má idéa de te; peço que me perdoes.

Arthur — (*Sério*) O' meu tio!

Thimoteo — Sim, meu filho. Ha bocado, quando aqui

estive, vi-os, e cuido que fosse este o seu modo de vida, peço-lhes a todos que me desculpem.

Arthur — Nada tenho a desculpar, e menos a perdoar a meu tio, meu bemfeitor e protector, mas se está disposto a condescender commoseo, peço dê licença a estes rapazes e meus amigos para beberem um copo de vinho á sua saude.

Thimoteo — (*Ainda commovido*) Oh, pois, não! Não se constranjam por minha causa; e se falta alguma cousa, (*puxando pela bolsa*) Arthur que se encarregue das provisões. (*entrega-lhe dinheiro. Todos empunham copos.*)

Arthur — Agora, o amigo Raúl tem a palavra.

Todos — Sim, sim, falle o Raúl.

Raúl — Fallar? E para que srs.? Porventura a elegância da litteratura ou a correção da phrase terá que acrecentar alguma cousa ao renome do illustre cidadão, sr. Thimoteo Jacob de Noronha?

O sr. Jacob de Noronha é tão conhecido; a sua reputação está tão solidamente firmada, que até S. Magestade Fidelissima nosso Augusto Monarca, pelo seu Logar-Tenente, acaba de lhe dar uma das mais subidas provas de consideração, confiando-lhe o timão da administração da conspicua aldeia de Pirna! Honra seja, pois, ao governo que affastando-se da sua habitual linha de conducta, honrou o preclaro cidadão, elevando-o ao alto cargo de regedor da parochia de Pirna. Viva, pois, o illustre cidadão Thimoteo Jacob de Noronha!

Todos — Viva!

Raúl — Viva o tio regedor!

Todos — Viva!

Cahe o pano